



Cultura Popular e Comunicação: Análise do cordel “Cidadania - nome de mulher”¹

Tamires de Lima Sousa SANTOS²

Dalila Carla dos SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

A literatura popular tem sido um canal de comunicação utilizado para divulgar pautas de determinados grupos organizados, a exemplo do Feminismo, por conta de fatores como o desenvolvimento socioeconômico e dos movimentos sociais. E neste trabalho será realizada a análise do cordel Cidadania - Nome de Mulher, da escritora feminista Salete Maria da Silva, com o apoio teórico da Folkcomunicação, para entender como essa cordelista se apropria da literatura popular em verso para divulgar as lutas feministas.

PALAVRAS-CHAVE

cultura popular; cordel; feminismo; folkcomunicação

Cordéis e Cultura Popular

A literatura de cordel surgiu em meados do século XI e foi difundida pela Europa nos séculos seguintes, chegando posteriormente ao Brasil através dos colonizadores portugueses. A maior parte da produção dos folhetos de cordel era realizada por pessoas pertencentes a grupos culturalmente marginalizados, e essa característica está presente até hoje. Segundo Jesus Martín-Barbero (1997), a literatura de cordel se desenvolve no meio urbano.

A denominação mesma dessa literatura como vulgar está indicando, segundo um de seus estudiosos, sua diferença com o popular-camponês. Pois enquanto este último é já sinônimo no século XVII do “próximo à natureza”, vulgar é “o que se move na cidade”, vulgar é o plebeu e o vagabundo, o desviado e o contaminado. (BARBERO, 1997, p.143).

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação do 8º Semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios, da UNEB campus III. E-mail: tamires-lima19@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios, da UNEB campus III. E-mail: dalicarter@gmail.com.



Nos primeiros séculos de incorporação no Brasil e em Portugal, os cordéis foram a principal fonte de informação e leitura, ou seja, tinha o mesmo papel do jornalismo, que é o de manter a sociedade informada sobre os fatos que acontecem. Embora incorporada em outras regiões brasileiras, foi no Nordeste que a literatura de cordel ganhou fôlego, e segundo Maria Louzada (2012), isso aconteceu por contribuições sociais e culturais.

Fatores de formação social contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal, o surgimento das manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores, como instrumentos do pensamento coletivo e das manifestações de memória popular. (LOUZADA, 2012, p.5).

O cordel, geralmente, narra histórias fantásticas, de amor, humor, blasfêmia e fé, porém essa linguagem também adere temas circunstanciais. Ao reescrever histórias famosas, o cordel passou a ganhar o afeto popular, afinal, contava de forma simples, tornando a narrativa atrativa ao público. Essa reescrita é mecanismo que está presente ainda hoje no Brasil, a exemplo de temas científicos, que geralmente são restritos a uma parcela intelectual da sociedade, mas que através dos cordéis podem ser disseminados para outros públicos devido à linguagem dessa literatura ser acessível.

Os temas recorrentes nos cordéis tradicionais possuem discursos machistas, dissolvidos em títulos que mostram a suposta superioridade do gênero masculino em contraponto às características de submissão do gênero feminino. Essa submissão da mulher é apontada por Maria Francinete de Oliveira (1981 apud LUYTEN, 2003) ao escrever sobre a representação feminina em cordéis tradicionais.

Segundo a autora, a mulher é colocada a partir de três características: a mulher bendita, a mulher propriedade e a mulher maldita. Entretanto, hoje há muitas representações femininas na narrativa de cordel que fogem da visão clássica do universo cordelístico. Um exemplo disso são os cordéis de cunho político-social voltado para o feminismo, que rompem com o imaginário do patriarcado, e são ferramentas para discutir direitos conquistados pelas mulheres ao longo da história.

Um gole de Feminismo



A insatisfação pela falta de espaço na família, no meio social e na política levou as mulheres a uma corrida pela existência de direitos que fossem aplicáveis independentemente de gênero. Assim, foi dado o pontapé inicial para o nascimento do movimento Feminismo, considerado como o principal questionador da dominação sociocultural masculina.

Nos séculos passados, grandes pensadores como Rosseau, Augusto Comte, David Hume e John Locke não consideravam a mulher como integrante da sociedade civil. As ideias revolucionárias e igualitárias que eles pregavam restringiam-se aos indivíduos do gênero masculino, e para eles a mulher era apenas um ser humano - que devido a condições naturais - estava abaixo do homem, ou sob sua tutela. (NYE, 1995). Essa visão inerente ao patriarcado pode ser confirmada na seguinte citação a respeito do que pensava Rousseau: “As mulheres, sentenciava ele, são naturalmente mais fracas, apropriadas para a reprodução, mas não para a vida pública.” (NYE, p.17, 1995).

Entretanto, já em 1791, Olympia de Gouges escrevera a Declaração dos Direitos das Mulheres, o qual exigia parâmetros igualitários para homens e mulheres, repensando a visão da mulher tradicional e colocando-a como participante de todas as atividades da sociedade. “As mulheres deviam ter todos os direitos que os homens têm, inclusive direito de propriedade e liberdade de fala, e em acréscimo, ter todas as responsabilidades recíprocas.” (NYE, p.21, 1995).

Segundo Andrea Nye (1995) foi essa busca por direitos iguais para todo e qualquer indivíduo o que levou as mulheres a se organizarem no movimento social Feminismo, que teve diferentes fases desde o seu início em 1789 até 1960, recorte de período que corresponde historicamente à Primeira Onda do Feminismo. Nesse primeiro momento as mulheres queriam conquistar direitos políticos, tendo como alvo principal o direito de votar. De acordo com Ana Alice Costa (2010), duas organizações se destacaram no Brasil na Primeira Onda: o “Partido Republicano Feminista” liderado pela baiana Leolinda Daltro, e a “Associação Feminista”, que teve grandes contribuições em movimentos operários.

Ainda segundo essa autora, o processo de modernização na década de 1970, que levou as mulheres a terem maiores participações sociais, foi também o fator que ocasionou o surgimento da Segunda Onda do Feminismo, marcado historicamente pela frase “O pessoal é político”. Após a conquista do voto – direito cobrado na Primeira Onda – pode-se observar o surgimento de outras pautas, como a participação na construção das leis, a busca por direitos de igualdade sexual, e questionamentos da



representação das mulheres nos meios de comunicação. Essas e outras ações foram pensadas também na Terceira Onda do Feminismo. Nas décadas seguintes, já no Pós-Feminismo, o movimento tem buscado analisar de forma crítica os discursos feministas já existentes.

As ações e discussões constantes realizadas pelo movimento feminista possibilitaram às mulheres do século XXI abertura para que elas possam atuar na sociedade e ter voz para expressar suas indignações. E a proposta desse artigo é justamente pensar como - em dias atuais - as mulheres feministas colocam suas pautas, pegando para análise apenas um pequeno recorte do trabalho da escritora feminista Salete Maria da Silva.

Mulheres Cordelistas

De acordo com José Mapuranga, no livro *Conhecendo o Cordel* (2005), os escritores de cordéis na atualidade têm um perfil que transita entre a cultura erudita e a popular. Mapuranga explica que isso ocorre devido ao surgimento do interesse por essa literatura de um público pertencente ao ambiente acadêmico, a partir da década de 1990. Outro ponto trabalhado por Mapuranga é a participação das mulheres na literatura popular em verso na atualidade. “Uma novidade: boa parte de cordelistas de agora são mulheres, como Sebastiana Gomes de Almeida Job (Bastinha), Salete Maria da Silva, Isaura de Melo, July Ane Silva, Maria Luciene. Isso era algo impensável no passado” (MAPURANGA, p.30, 2005).

É interessante perceber como esse autor aponta para a característica do cordel tradicional - onde os homens predominam - indicando que em tempos passados a participação das mulheres na construção dessa literatura não era cogitada. Algo que é preciso ser considerado, e que o autor não coloca, é que no Brasil, no início do século XX, algumas mulheres já participavam desse meio literário como afirma Joseph Luyten:

Mais tarde, já no ano de 1938, temos um caso bem comprovado de autoria feminina. Trata-se de Maria das Neves Batista Pimentel, filha do conhecido poeta e editor Francisco das Chagas Batista e mãe do pesquisador Altimar Pimentel. Ela, no entanto, não ousou utilizar-se de seu nome de batismo e assinou suas obras como ALTINO ALAGOANO. Conhecemos, pelo menos três trabalhos desta autora: *O Corcunda de Notre Dame*, *As Mocinhas de Hoje*. *As Meninas das praias de banhos* (Publicados num só volume de 32 p.), *O violino do*



diabo ou o valor da honestidade (47p.) e O amor nunca morre. (LUYTEN, 2003, p.7).

Então podemos observar que a construção social do século passado não abria espaço para que as mulheres assinassem suas obras, fazendo com que elas utilizassem pseudônimos masculinos ou que seus trabalhos fossem assinados por algum homem da família. Esse fator contribuiu para que tenhamos poucos rastros históricos sobre o que era escrito por mulheres cordelistas.

Hoje é comum a produção da literatura de cordel por mulheres, e de acordo com Joseph Luyten o crescimento da participação feminina na literatura popular em verso ocorre devido a transformações sociais e desenvolvimento econômico.

Vemos, assim, que o número de autoras de literatura de cordel tende a aumentar vertiginosamente, mesmo sem levar em consideração esta última remessa. Atribuímos este fato à urbanização das camadas populares brasileiras e ao papel que a mulher preenche cada vez mais em todos os segmentos de profissão, antes quase que exclusivamente ocupados por homens. Não somente o número de poetisas é de assombrar mas também os conteúdos dos poemas que primam pelo observar atento da realidade socio-política do país. (LUYTEN, 2003, p.9).

A grande participação de mulheres na literatura de cordel mostra a emancipação delas ao longo dos séculos. Se antes a mulher não podia ao menos assinar suas obras, como vimos nos parágrafos anteriores, hoje elas não apenas escrevem, mas também fazem revolução nos moldes tradicionais. Cordelistas como Salete Maria da Silva interferem politicamente através de seus cordéis, trabalhando com assuntos como o feminismo, que visa igualdade para homens e mulheres, e busca mostrar novos significados sobre o que é ser mulher na sociedade.

A cordelista Salete Maria da Silva

O trabalho da escritora de cordel feminista Salete Maria da Silva é voltado para a defesa de grupos minoritários, tendo como foco principal questões de feminismo, gênero e direitos humanos. Salete Maria também é professora na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, e já atuou como advogada. De acordo com informações de seu blog, o cordelirando.blogspot.com.br, a cordelista é membro-fundadora da Sociedade dos Cordelistas Mauditos (sic),



“movimento de jovens poetas, cantadores e performers fundado no ano de 2000 em Juazeiro do Norte”. Ainda segundo informações do blog:

Em março de 2014, Salete Maria completou “20 anos de cordelírio feminista e libertário”. Nessa trajetória, teve cordéis premiados pela Fundação Cultural do Estado da Bahia-FUNCEB, recitados pela atriz Deth Haak, musicados pela cantora Socorro Lira, citados pelo jornalista Arnaldo Jabor, encomendados pelos cineastas Vagner Almeida e Orlando Pereira e referenciados por diversos pesquisadores e amantes da literatura popular e da cultura oral, deste e de outros países. Seu trabalho é utilizado em cursos, palestras, debates e também tem sido objeto de dissertações e teses de doutorado. (cordelirando.blogspot.com.br, 2015).

Em uma de suas obras, o livro *OUTRAS RIMAS, OUTRAS PESSOAS: cordéis sobre os “invisíveis”* (2012), Salete Maria da Silva mostra a realidade das bordas sociais, trabalhando com temas ligados à etnia, gênero, sexualidade, velhice, entre outros. O livro é segmentado da seguinte forma: “Direito emancipatório”; “Diversidade”; “LGBBT”; e “Mulheres”. Desse livro selecionamos para análise o trecho que reflete ressignificações sobre o que é ser mulher.

Folkcomunicação

A Teoria da Folkcomunicação surgiu na década de 1960, fruto da tese doutoral do pesquisador brasileiro Luis Beltrão, e segundo Hohfeldt (2002 apud SCHMIDT, 2007, p.133) “é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais”.

Quando pensou essa teoria, Beltrão identificou - no contexto histórico em que vivia - a presença de líderes de opinião como *agentes de comunicação social* responsáveis pela recodificação de mensagens da mídia para um público definido, em seu cenário regional. “Esses agentes comunicadores do sistema interativo local de comunicação, que Beltrão passou a chamar de agentes da folkcomunicação, são na realidade (inter)mediadores dos processos de recepção de mensagens midiáticas.” (TRIGUEIRO, 2007, p.139).

Algum tempo depois outros autores retomaram esse pensamento analisando como a Folkcomunicação se manifesta no mundo globalizado, onde a cultura popular dialoga com os meios midiáticos, criando uma relação entre cultura local e global. A partir daí esses novos pesquisadores começam a pensar a presença do *mediador ativista* que



segundo Trigueiro (2007, p.145) é aquele que “... atua no campo cultural ou político emprestando o seu produto de criação cultural (cordel, cantoria, teatro, danças, jornal mural, grafites, artesanato, culinária, entre outras), ou nos movimentos sociais”, e ainda de acordo com ele “é o sujeito que exerce uma atividade criadora ou inventiva, não só nas ciências ou nas artes eruditas, mas também nas culturas populares, é todo aquele que desenvolve novas ideias e as põe em prática na sociedade”.

Esses aspectos citados por Trigueiro podem ser observados no trabalho da feminista Salete Maria da Silva, que através de mecanismos da cultura popular assume o papel de agente comunicadora, discutindo temas que envolvem grupos sociais minoritários. Por meio da literatura de cordel Salete divulga pautas do movimento feminista, como a emancipação da mulher, e dessa forma seus cordéis podem ser considerados como canais de folkcomunicação.

Análise e Discussão:

O cordel da escritora Salete Maria da Silva escolhido para ser estudado nesse artigo foi o “Cidadania – Nome de Mulher” por este estar próximo tematicamente das propostas do Feminismo. Como o texto na íntegra apresenta 21 estrofes, cada uma com 07 versos, um recorte foi realizado, segmentando apenas 04 estrofes para análise, que estão dispostas na tabela abaixo.

O método para análise desse cordel é a Análise de Conteúdo, que segundo Laurence Bardin “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações.” (p.27, 2007). Ainda segundo essa autora, esse método “visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de variáveis de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares.” (p. 39, 2007).

TABELA DE ESTUDO

Amostragem	Análise de Conteúdo
Quando minha bisavó/ Vivia pelo sertão/ Era um tempo de aperreio/ Era grande a precisão/ Mulher não tinha direito/ Pro homem tudo era feito/ Só ele era cidadão//	- Aqui a personagem “bisavó” representa um tempo passado, fazendo referência a um período em que as mulheres não possuíam nenhum direito e passavam dificuldades por serem consideradas apenas como donas do lar, e sem competência para participarem da sociedade civil. Nessa estrofe Salete mostra o fator de desigualdade que levou as mulheres a se organizarem e pensarem o Feminismo.



Era grande o sofrimento/ Da mulher daqueles dias/ Não se falava em direito/ Tudo isso era utopia/ Bastante coisa mudou/ Mas ela continuou/ Vítima de covardia//	- Essa estrofe mostra que mesmo com a conquista dos direitos das mulheres, a luta não terminou, pois elas continuam sendo vítimas de opressões. Um exemplo disso é a violência física contra a mulher, que a autora coloca em outras estrofes desse cordel.
Enfrentou os militares/ Disse: “queremos votar”/ Ajudou fundar partidos/ Deixou de silenciar/ Lançou a sua voz ao vento/ No poder tomou assento/ Conseguiu se emancipar//	- Essa estrofe reflete sobre a primeira demanda exigida pelas feministas, que era o direito de votar; além de fazer referência à Segunda Onda do Feminismo, que foi quando as mulheres da América Latina tiveram que enfrentar os governos autoritários. Nessa estrofe também é comentado o período em que o Feminismo se institucionalizou, fundando e participando de partidos políticos.
Vamos mostrar que pensamos/ E procriamos ideias/ E que não só menstruamos/ Gritemos em assembleia/ Cidadania se quer/ E tem nome de mulher/ Eis a nossa epopéia//	Essa última estrofe é um convite à luta Feminista, que deseja conquistar o direito pleno de cidadania dentro da sociedade. A estrofe também quer mostrar que a mulher já está inserida dentro de discussões políticas.

Salete Maria da Silva, como feminista, tem o intuito de levar para a sociedade - através do canal de comunicação folk que é o cordel - mensagens de conscientização sobre os direitos femininos. A cordelista alerta a respeito das lutas realizadas pelas mulheres ao longo da história, e coloca reflexões para que o meio social repense valores machistas.

Na primeira estrofe do cordel, Salete discute a questão da cidadania, que por muito tempo foi considerada apenas para os homens. A personagem “avó” que morava no sertão e vivia apenas para servir ao homem (que aqui podemos considerar como o seu marido e/ou filho), representa todas as mulheres submissas, sem voz na política e até dentro do próprio lar. Essa estrofe mostra algo que acontece na atualidade, mas que existia com maior dimensão no período em que os direitos eram pensados apenas para homens, com explicações como a de John Locke que acreditava que a mulher - por condições da natureza - deveria estar sujeita às ordens do homem, assim como David Hume que pensava que as mulheres tinham virtudes específicas, como serem recatadas e castas, cabendo aos homens serem porta-vozes do lar. (NYE, 1995, p.17)

A segunda estrofe do cordel dialoga com o público mostrando que alguns direitos - considerados impensáveis de serem aplicados às mulheres - foram conquistados através de lutas e diálogos incansáveis. É esse o significado de “Bastante coisa mudou” colocado no quinto verso da segunda estrofe analisada. Outra ideia inserida nas entrelinhas por Salete é que a luta deve continuar, pois de acordo com ela os direitos femininos não foram ainda conquistados plenamente. Segundo os dois últimos versos



dessa estrofe, a mulher ainda continua sendo vítima de covardia, e esse pensamento é destrinchado em outras estrofes como quando a cordelista cita a violência contra a mulher. Em outra estrofe Salete ainda comenta que embora as mulheres tenham direitos “no papel” a violência não tem cessado. Dessa forma, a segunda estrofe é um alerta que aponta para o que ainda precisa ser mudado na sociedade.

A terceira estrofe faz referência à conquista do direito de votar, principal alvo do Feminismo na Primeira Onda. Outro ponto trabalhado nessa estrofe é a luta das mulheres travada durante a Segunda Onda desse movimento na América Latina, na década de 1970, quando elas enfrentaram o autoritarismo dos governos militares. Essa estrofe ainda abarca o período histórico em que o Feminismo deixou de ser autônomo, inseriu-se em partidos políticos e institucionalizou-se.

Por fim, na quarta estrofe escolhida para análise do cordel “Cidadania – nome de mulher”, Salete fecha o pensamento convidando as mulheres para irem à luta pelos direitos que ainda são negados. Nessa e nas demais estrofes, Salete mostra por meio de uma ótica de ativismo político social, que é preciso reflexão, união e ações para que todas as mulheres conquistem cidadania.

Considerações Finais

Nesse artigo conseguimos entender que, embora a literatura de cordel ecoe na linha do tempo como tradicional e enfática de preconceitos - principalmente no que diz respeito à representação das mulheres - fatores como o desenvolvimento socioeconômico e dos movimentos sociais fizeram com que a literatura popular em verso aparecesse com novos ares.

Hoje podemos observar cordéis sendo utilizados como canal de comunicação para difundir pautas de grupos organizados como a do movimento feminista, que divulga mensagens sobre a igualdade de direitos para mulheres e homens, o que pode ser constatado em trabalhos como o da cordelista Salete Maria da Silva.

No cordel Cidadania – Nome de Mulher, dessa escritora, fica explícito as lutas do movimento feminista e o convite para a transformação de mentes. Dessa forma, Salete Maria da Silva pode ser interpretada como agente comunicadora, pois utiliza moldes artesanais para falar dos anseios políticos do movimento feminista, assim como seus cordéis podem ser visualizados como canais de folkcomunicação.



REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 2007. Edições 70, LDA. Lisboa/Portugal.

BARBERO, J. **Uma literatura entre o oral e o escrito**. In: Dos meios às mediações. Comunicação Cultura e Hegemonia. 1997. Rio de Janeiro. Cap. 2. <http://cordelirando.blogspot.com.br/> Acessado em 3 de out de 2014.

LOUZADA, Maria. LOUZADA, R. **Identidade política, literatura de cordel e interdiscurso**. In: Cadernos de Semiótica Aplicada. Julho de 2012. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/5281/4286>. Acessado em: 4 de out 2014.

LUYTEN, Joseph. **Feminismo versus machismo – autoras mulheres na literatura de cordel**. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/8/88/Mulheres_autoras_de_cordel_.pdf. Acessado em: 3 de out 2014.

MAPURANGA, J. **Conhecendo o cordel**. Sesc Ceará, 2005.

NYE, Andrea. **Liberte, Égalité et Fraternité: Liberalismo e Direitos das Mulheres no Século XIX**. In: Teoria Feminista e as Filosofias dos Homens. Niterói, 1995.

SCHMIDT, Cristina. **FOLKCOMUNICAÇÃO: Avanços Teóricos e Metodológicos**. In: Luiz Beltrão. Pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil. Editora Universitária UFPB, 2007.

SILVA, Salete Maria da. **Outras rimas, outras pessoas: cordéis sobre os “invisíveis”**. Editora Expogeo, 2012.

SILVA, Salete Maria. **Cordelirando**. Agosto de 2014. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com.br/>. Acessado em: 03 out 2014.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **A folkcomunicação no contexto da sociedade globalizada: do líder de opinião ao ativista midiático** In: Luiz Beltrão. Pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. Editora Universitária UFPB, 2007.